

## O QUE É A FENOMENOLOGIA?

O que Husserl quer sobretudo rejeitar é o *naturalismo* dessas ciências que, não tendo destacado a especificidade de seu objeto e tratando-o como se se tratasse de um objeto físico, confundem a descoberta das causas exteriores de um fenômeno com a natureza própria deste fenômeno. As consequências de tal atitude são graves: será dito, por exemplo, que uma afirmação, que crê ter razões, é determinada na realidade por causas que o psicólogo ou o sociólogo podem explicar. Mais amplamente, que os princípios diretores do conhecimento não são senão a resultante de leis biológicas, psicológicas ou sociológicas. Essa tendência, que Husserl combate sob o nome de *psicologismo*, tem por resultado minar a base dessas próprias ciências, já que relativizam seu próprio fundamento: que crédito, por exemplo, conceder ao psicólogo que pretende explicar pela psicologia os princípios da lógica, quando ele próprio se utiliza desses princípios para trazer a explicação deles? Husserl não tem dificuldade em mostrar que as matemáticas ou a lógica, cujas leis têm uma exatidão absoluta e podem ser conhecidas *a priori*, isto é, sem recurso à experiência, são irredutíveis às ciências empíricas cujas leis são ainda imprecisas e não podem jamais ser definitivamente asseguradas por dependerem elas de uma experiência sempre imperfeita.

O que constitui o interesse das ciências humanas — a saber, o fato que estudam as atividades do homem e notadamente esta atividade privilegiada que é o conhecimento — constitui também sua fraqueza quando essas atividades são reduzidas a simples fenômenos naturais: neste caso elas aniquilam não somente seus próprios pressupostos, mas também os de toda outra forma de conhecimento, quer se trate da filosofia ou da ciência.

Isso não significa, todavia, que se deva voltar às concepções filosóficas do passado. Pois, tendo saído já inteiramente armadas como Minerva da cabeça de seu criador, essas filosofias "prontas e acabadas" vão por seu turno reunir-se a "outras semelhantes Minervas no museu tranqüilo da História". Se, com efeito, a lógica e com ela a atividade de pensamento devem ser salvas do ceticismo ao qual as entrega a redução empirista, não é para lhes permitir tecer ainda outros sistemas filosóficos que, à sua maneira fariam tanta violência à realidade como pode lhe fazer um mau uso das ciências empíricas.

O caminho que Husserl busca e que comandará até em suas últimas obras a sua concepção da fenomenologia é uma via média entre esses dois escolhos: como pensar segundo a sua natureza e em cada uma de suas nuances — sem, no entanto, jamais ultrapassá-los - os dados da experiência em sua totalidade? Todo o fenômeno e nada mais que o fenômeno, se poderia dizer. O postulado que funda tal empresa é que o fenômeno está penetrado no pensamento, de *logos* e que por sua vez o *logos* se expõe e só se expõe no fenômeno. Apenas sob essa condição é possível *uma fenomenologia*.

Mas se o fenômeno não é nada de construído, se é portanto acessível a todos, o pensamento racional, o *logos*, deve sê-lo também e Husserl acaba, então, por conceber uma filosofia nova que realizaria, enfim, o sonho de toda filosofia: tornar-se uma ciência rigorosa. A realização de tal projeto supõe que, em vez de se prender às tradições filosóficas divergentes que lhe transmitem indefinidamente seu desacordo, o pensamento filosófico retorne às suas origens dando-se como ponto de partida, não mais às opiniões dos filósofos, mas à própria realidade: "Não convém que a impulsão filosófica surja das filosofias, mas das coisas e dos problemas". Assim, a filosofia, nascendo sobre o solo de uma experiência comum, poderia enfim começar verdadeiramente como um assunto que diz respeito a todos, em vez de ser, como o são ainda as "visões do mundo", a expressão acabada, mas apenas singular e, portanto contestável, de uma individualidade genial.

## RECOMEÇO E "RETORNO ÀS COISAS MESMAS"

Entre o discurso especulativo da Metafísica e o raciocínio das ciências positivas deve, pois, existir uma terceira via, aquela que antes de todo raciocínio, nos colocaria no mesmo plano da realidade ou, como diz Husserl, das "coisas mesmas". Essa via já foi tentada por Descartes que busca para sua filosofia um fundamento inabalável, que é, como todos sabem, o "eu penso", com o qual se dá inseparavelmente o "eu sou". Eis aí o que Husserl chama "uma intuição originária". Infelizmente, Descartes procede de tal maneira que todas as outras intuições se dão a ele como duvidosas e ele tem que recorrer a Deus para garantir sua verdade. Mas não será isso, então, chocar-se contra um dos escolhos a evitar, voltar à especulação metafísica que cumpre definitivamente banir da filosofia?

De fato, o discurso filosófico deve sempre permanecer em contato com a intuição se não quiser se dissolver em especulações vazias. Esse retorno incessante à intuição originária, "fonte de direito para o conhecimento", Husserl o chama o *princípio dos princípios*. "Significações que se não fossem vivificadas senão por intuições longínquas e imprecisas, inautênticas - se é que isso acontece através de intuições quaisquer — não poderiam nos satisfazer. *Nós queremos voltar às coisas mesmas!*".

Mas nem por isso quer isto dizer que seja preciso se limitar às impressões sensíveis, o que seria afundar-se num

ceticismo do tipo de Hume. Pois, se é verdade que os fenômenos se dão a nós por intermédio dos sentidos, eles se dão sempre como dotados de um sentido ou de uma "essência". Eis por que, para além dos dados dos sentidos, a intuição será uma intuição da essência ou do sentido.

### A intuição das essências

É, como dissemos, um postulado da fenomenologia que o fenômeno seja lastrado de pensamento, que seja *logos* ao mesmo tempo que *fenômeno*. Não se pode pois conceber o fenômeno como uma película de impressões ou uma cortina atrás da qual se abrigaria o mistério das "coisas em si". Hegel já dizia que atrás da cortina não há nada a ver. Falar de uma visão das essências não significará pois devotar-se a uma contemplação mística que permitiria a alguns iniciados ver o que o comum dos mortais não vê, mas ao contrário, ressaltar que o sentido de um fenômeno lhe é imanente e pode ser percebido, de alguma maneira, por transparência.

Tradicionalmente, a essência responde à questão: *o que é o que é?* Esta questão pode ser colocada a propósito de qualquer fenômeno e, se não a colocamos, é porque já estamos assegurados de sua essência ou porque ao menos acreditamos estar. Não existe, com efeito, nenhum fenômeno do qual possamos dizer que ele não é nada, pois o que não é nada não é. Se todo fenômeno tem uma essência, o que se traduzirá pela possibilidade de designá-lo, nomeá-lo, isso significa que não se pode reduzi-lo à sua única dimensão de fato, ao simples fato que ele tenha se produzido. Através de um fato é sempre visado um sentido. Husserl gosta de evocar a esse respeito o exemplo da "IX Sinfonia". Esta pode se traduzir pelas impressões que experimento ao escutar este ou aquele concerto, pela escritura desta ou daquela partitura, pela atividade do regente de orquestra ou dos músicos, etc. Em cada caso poderei dizer que se trata da "IX Sinfonia" e, contudo, esta não se reduz a nenhum desses casos, se bem que ela possa a cada vez se dar neles inteiramente. A essência da "IX Sinfonia" persistiria mesmo se as partituras, orquestras e ouvintes viessem a desaparecer para sempre. Ela persistiria, não como uma realidade, como um fato, mas como uma *pura possibilidade*. Não obstante, é essa pura possibilidade que me permite distingui-la de imediato de toda outra sinfonia, mesmo se o disco no qual eu a escuto está riscado ou se a orquestra é ruim. Da mesma maneira, um menino trabalhando sem compasso dirá que a forma vagamente oval que traçou em seu caderno é um círculo. Vemos em que a intuição da essência se distingue da percepção do fato: ela é a visão do sentido ideal que atribuímos ao fato materialmente percebido e que nos permite *identificá-lo*.

Se a essência permite identificar um fenômeno, é porque ela é sempre idêntica a si própria, não importando as circunstâncias contingentes de sua realização. Por numerosos que sejam os tempos e os lugares em que se fala do triângulo, por numerosas que sejam as inscrições de triângulos sobre os quadro-negros de todas as escolas do mundo, é sempre do mesmo triângulo que se trata. Esta identidade da essência consigo própria, portanto esta impossibilidade de ser outra coisa que o que é, se traduz por seu caráter de *necessidade* que se opõe à "facticidade", isto é, ao caráter de fato, aleatório, de sua manifestação. Ademais, se cada essência é única em seu gênero, pode-se conceber uma infinidade de essências novas das quais cada qual será irredutível às outras. O que nos conduz a perguntar: mas de que então há essências?

Sem dúvida, há uma essência de cada objeto que percebemos: árvore, mesa, casa, etc. e das qualidades que atribuímos a estes objetos: verde, rugoso, confortável, etc. Mas se a essência não é a coisa ou a qualidade, se ela é somente o ser da coisa ou da qualidade, isto é, um puro possível para cuja definição a existência não entra em conta, poderá haver tantas essências quantas significações nosso espírito é capaz de produzir; isto é, tantas quantos objetos nossa percepção, nossa memória, nossa imaginação, nosso pensamento podem se dar. Independentemente da experiência sensível, muito embora se dando através dela, as essências constituem como que a armadura inteligível do ser, tendo sua estrutura e suas leis próprias. Elas são a racionalidade imanente do ser, o sentido *a priori* no qual deve entrar todo mundo real ou possível e fora do qual nada pode se produzir, já que a idéia mesma de produção ou de acontecimento é uma essência e cai, pois, nessa estrutura *a priori* do pensável.

Será, pois, uma primeira tarefa da fenomenologia elucidar esse "puro reino das essências", segundo os diversos domínios ou "regiões" que elas permitem pensar independentemente da própria existência dessas regiões, seja a região "natureza", compreendendo os fenômenos reais ou possíveis de que tratam as ciências da natureza; a região "espírito", compreendendo os fenômenos que tratam as ciências humanas; a região "consciência", compreendendo todos os atos de consciência sem os quais, como teremos a dizer, nenhum acesso nos seria dado as outras regiões. Mas previamente - e é essa a tarefa à qual se dedica Husserl nas *Investigações lógicas* - será elucidada a essência das formas puras do pensamento, as categorias lógicas e gramaticais que nos permitem pensar um "objeto em geral" e que são, pois, a condição de inteligibilidade das outras regiões. Essas categorias formais podem, com efeito, ser elas também objeto de uma intuição que Husserl chama "intuição categorial".

É possível assim alcançar uma compreensão *a priori* do ser, uma compreensão independente da experiência efetiva, sem por isso abandonar a intuição, já que a intuição das essências é intuição de possibilidades puras. É ao mesmo tempo possível ter um conhecimento *a priori* dos diferentes domínios aos quais se aplicam as ciências

experimentais, portanto saber de antemão *o que é o objeto* de que vão tratar. Pode-se assim conceber que elas sejam precedidas e acompanhadas em seu trabalho por ciências de \_essências ou "ciências eidéticas".

### A análise intencional

Mas dizer que, através da experiência sensível, nós alcançamos a intuição da essência e que esta condiciona o sentido do sensível não é novo. Platão já chamava *eidos* esse gênero de intuição condicionado à visão sensata do sensível: "Se há muitas camas e muitas mesas, as "ideias" dessas coisas são, no entanto, apenas duas: uma para a cama, uma para a mesa". Permanece, então, a questão de saber se é preciso situar essas ideias, como o faz Platão, num mundo inteligível do qual o mundo sensível não seria senão um derivado. Ora, pensa Husserl, não seria manter-se fiel ao princípio da "volta às coisas mesmas" imaginar um lugar celeste onde as ideias teriam sua residência. Seria, ainda uma vez, cair na especulação metafísica.

Onde elas então poderão residir? Muito simplesmente na consciência, já que é como vivências de consciência que elas se dão a nós. Mas então surge uma nova dificuldade: se elas estão na consciência, nós vamos reduzi-las a simples fenômenos psíquicos, tributários por sua vez da psicologia e recairemos nesse psicologismo que Husserl tão vigorosamente refutou. Cumpre, pois, que elas sejam acessíveis somente na consciência, mas que elas não se confundam jamais com os fenômenos de consciência que competem à psicologia. É aqui que Husserl vai recorrer à noção fundamental de intencionalidade da qual já se servia Brentano, que a tomara ele próprio à filosofia medieval.

O princípio da intencionalidade é que a consciência, é sempre "consciência de alguma coisa", que ela só é consciência estando dirigida a um objeto (sentido de *intentio*). Por sua vez, o objeto só pode ser definido em sua relação à consciência, ele é sempre \ objeto-para-um-sujeito. Poderemos, pois, falar, seguindo Brentano, de uma existência intencional do objeto na consciência. Isto não quer dizer que o objeto está contido na consciência como que dentro de uma caixa, mas que só tem seu sentido de objeto para uma consciência, que sua essência é sempre o termo de uma visada de significação e que sem essa visada não se poderia falar de objeto, nem portanto de uma essência de objeto. Dito de outra maneira, a questão "*O que é o que é?*", que visa o sentido objetivo ou essência, remete por sua vez à questão: "*O que se quer dizer?*", dirigida à consciência. Isso significa que as essências não têm existência alguma fora do ato de consciência que as visa e do modo sob o qual ela os apreende na intuição. Eis por que a fenomenologia, em vez de ser contemplação de um universo estático de essências eternas, vai se tornar a análise do dinamismo do espírito que dá aos objetos do mundo seu sentido. Deste sentido, pode-se dizer que, ao mesmo tempo, ele depende da liberdade do espírito, que poderia não produzi-lo e não obstante ultrapassa a contingência dos atos de consciência por sua universalidade e sua necessidade.

Assim, se retomarmos um exemplo caro a Husserl, diremos que os seres matemáticos não têm existência alguma fora das operações do matemático que os conduz, mas que sua existência tampouco se confunde com a dessas operações. Para dizer a verdade, eles não têm nenhuma existência, nem na consciência nem fora; seu modo de existência depende do modo sob o qual a consciência os visa, lhes dá um sentido, no caso, como puras idealidades cuja natureza é de serem construídas pelo espírito, se bem que o espírito não possa construir não importa o que, já que ele deve se dobrar a regras universais e necessárias.

Mas, se perguntará, o que dizer dos objetos da percepção sensível? Retomemos para este fim um exemplo concreto que Husserl propõe: "Nosso olhar, suponhamos, volta-se com um sentimento de prazer para uma macieira em flor num jardim<sup>10</sup>...". Para o senso comum, tal percepção consiste de início em colocar a existência da macieira no jardim, depois em colocar em relação a essa macieira real a consciência do sujeito pensante, o que produzirá na consciência uma macieira representada correspondente à macieira real. Consequência: haveria- duas macieiras, uma no jardim e outra na consciência. Mas surge a dificuldade: como podem essas duas macieiras constituírem apenas uma só? Será preciso, com Platão, imaginar uma terceira macieira que permita conceber a identidade das duas outras e assim no infinito?

É que assim não atingimos a essência mesma da percepção da macieira. Se recorrermos, ao contrário, à análise intencional, não partiremos da macieira em si da qual nada sabemos, nem da pretensa macieira *representada*, da qual não sabemos mais que da outra. Partiremos das "coisas mesmas", isto é, da macieira enquanto percebida, do ato de percepção da macieira no jardim que é a vivência original a partir da qual chegamos a conceber uma macieira ou uma macieira representada.

Se o objeto é sempre objeto-para-uma consciência, ele não será jamais objeto em si, mas objeto-percebido ou objeto-pensado, lembrado, imaginado, etc. A análise intencional vai nos obrigar, assim, a conceber a relação entre a consciência e o objeto sob uma forma que poderá parecer estranha ao senso comum. Consciência e objeto não são, com efeito, duas entidades separadas na natureza que se trataria, em seguida, de pôr em relação, mas consciência e objeto se definem respectivamente a partir desta *correlação* que lhes é, de alguma maneira, co-original. Se a consciência é sempre "consciência *de* alguma coisa" e se o objeto é sempre "objeto *para* a

consciência", é inconcebível que possamos sair dessa correlação, já que, fora dela, não haveria nem consciência nem objeto. Assim se encontra delimitado o campo de análise da fenomenologia: ela deve elucidar a essência dessa correlação na qual não somente aparece tal ou qual objeto, mas se estende ao mundo inteiro. Como essa análise recobre toda a esfera dinâmica do espírito, do *nous*, Husserl batizará com o nome de *nóese* a atividade da consciência e com o nome de *nóema* o objeto constituído por essa atividade, entendendo-se que se trata do mesmo campo de análise no qual a consciência aparece como se projetando para fora de si própria em direção a seu objeto e o objeto como se referindo sempre aos atos da consciência. No sujeito há mais que o sujeito, entendamos: mais que a *cogitatio* ou nóese; há o objeto mesmo enquanto visado, o *cogitatum* enquanto é puramente para o sujeito, isto é, constituído por sua referência ao fluxo subjetivo da vivência".

Se, com efeito, a correlação sujeito-objeto só se dá na intuição originária da *vivência* (*Erlebnis*) de consciência, o estudo dessa correlação consistirá numa análise descritiva do campo de consciência, o que conduzirá Husserl a definir a fenomenologia como "a ciência descritiva das essências da consciência e de seus atos". Mas não se trata mais aqui de uma psicologia descritiva tal como a praticava Brentano, pois a consciência contém muito mais que a si própria: nela percebemos a essência daquilo que ela não é, o sentido mesmo do mundo em direção ao qual ela não cessa de "explodir" (*éclater*) como dirá Sartre.

O que, então, vem a ser, para voltarmos ao nosso exemplo, a macieira *em si* e sua miniatura representada? Como ninguém jamais soube o que fossem, seria melhor não levá-las em conta ou, como diz Husserl, "reduzi-las".

### A REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA E SEU RESÍDUO

É assim que a análise intencional conduz à *redução fenomenológica* ou colocação entre parênteses da realidade tal como a concebe o senso comum, isto é, como existindo em si, independentemente de todo ato de consciência.

#### Uma mudança de atitude

Essa concepção do senso comum, Husserl a denomina *atitude, natural*. A atitude natural, que é tanto a do cientista como a do homem na rua. Ela consiste em pensar que o sujeito está no mundo como em algo que o contém ou como uma coisa entre outras coisas, perdido sobre uma terra, sob um céu, entre objetos e outros seres vivos ou conscientes e, até mesmo entre ideias, que encontrou "já aí" independentemente de si próprio. Em consequência, ele considera a vida psíquica como uma realidade do mundo entre outras e, para ele, a psicologia não é para a consciência senão o que a astronomia é para as estrelas: cada qual estuda um fragmento da mesma realidade, uma região diferente do mesmo mundo. Quanto ao que pode constituir a unidade dessas regiões díspares do mundo, é um enigma que ele não percebe. Não será, contudo, o enigma que Pascal enunciava: "Pelo espaço, o universo me compreende e me traga como um ponto; pelo pensamento, eu o compreendo"?

Ora, a análise intencional conduz, nós o vimos, a distinguir entre sujeito e objeto ou consciência e mundo, uma correlação mais original que a dualidade sujeito-objeto e sua tradução em *interior-exterior*, já que é no próprio interior da correlação que se opera a separação entre interior e exterior. Mas o acesso a essa dimensão primordial só é possível se a consciência efetua uma verdadeira conversão, isto é, se ela suspende sua crença na realidade do mundo exterior para se colocar, ela mesma, como consciência *transcendental*, condição de aparição desse mundo e doadora de seu sentido. Está aí uma nova atitude que Husserl chamará *atitude fenomenológica*.

A consciência não é mais, conseqüentemente, uma parte do mundo, mas o lugar de seu desdobramento no campo original da intencionalidade. Isto significa que o mundo não é em primeiro lugar e em si mesmo o que explicam as filosofias especulativas ou as ciências da natureza, já que essas explicações são posteriores à abertura do campo primordial, mas sim que ele é em primeiro lugar o que aparece à consciência e a ela se dá na evidência irrecusável de sua vivência. O mundo não é assim nada mais que o que ele é para a consciência. O mundo, na atitude fenomenológica, não é uma existência, mas um simples fenômeno".

Esta posição do mundo como fenômeno, isto é, como só tendo sentido em sua manifestação na *vivência*, está na linha reta da atitude de Descartes, que era também, à sua maneira, uma redução. Para Husserl, assim como para Descartes, o *eu penso* é a primeira certeza a partir da qual devem ser obtidas as outras certezas. Mas o erro de Descartes é ter concebido o *eu do cogito* como uma alma-substância, por conseguinte como uma coisa (*res*) independente, da qual restava saber como poderia entrar em relação às outras coisas, colocadas por definição como exteriores. Mas isso era recair então na atitude natural que descrevemos. Graças à intencionalidade, o resultado da redução fenomenológica difere totalmente do resultado da dúvida cartesiana: o que resta ao termo da redução, seu "resíduo", não é só o *eu penso*, mas a conexão ou correlação entre o *eu penso* e seu *objeto de pensamento*, não o *ego cogito*, mas o *ego cogito cogitatum*. Assim, após a redução fenomenológica, o mundo não se tornou, como para Descartes, duvidoso, ele permanece tal como era, conservando seus valores e suas significações antigas. Mas esses valores e essas significações — e entre elas seu sentido de existência — são "fenomenalizados", isto é, desembaraçados da atitude ingênua que nos levava a colocá-los como sendo "em si" e assim acarretava essas especulações metafísicas que estorvam um conhecimento rigoroso. Referida à vivência da

consciência, inconcebível sem essa vivência, a questão de seu *ser* não pode mais se dissociar da questão da origem do sentido que se enraiza na vivência de consciência, na qual encontramos então, segundo a fórmula que Husserl retoma de Empédocles, os *rhizomata panton*, as raízes de todas as coisas.

### **A fenomenologia constitutiva**

A tarefa efetiva da fenomenologia será, pois, analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo. Trata-se, para empregar uma metáfora aproximativa, de distender o tecido da consciência e do mundo para fazer aparecer os seus fios, que são de uma extraordinária complexidade e de uma arãnea fineza. Tão finos que não apareiam na atitude natural, a qual se contentava em conceber a consciência como contida no mundo - caso do realismo ingênuo - a menos que concebesse o mundo como contido na consciência - caso do idealismo.

A título de indicação sumária, evoquemos a análise de um fenômeno como a percepção de uma árvore, digamos, a macieira de que se tratou. A constatação paradoxal de Husserl, mas que decorre do princípio da intencionalidade, é que a estrutura dessa vivência comporta elementos reais, que podemos pois encontrar aí e de elementos irrealis, que não encontraremos aí. Um primeiro elemento real será a abertura da consciência para o objeto, no caso a percepção (da árvore), mas que poderia ser um de outro modo: imaginação, ideação, lembrança, etc. Essa abertura é concebida por Husserl como um raio (*Strahl*) que parte do lado-sujeito da consciência para se dirigir para seu lado-objeto, com o risco aliás de não ser "preenchido", de só atingir o vazio, caso, por exemplo, a árvore que eu esperava perceber tenha desaparecido. Um outro componente real será a *matéria (hylé)*, isto é, a sequência das sensações de pardo, verde, rugoso, etc. que se compõem em *forma* que perceberei como pardo do tronco, verde da folhagem, etc. Mas do lado-objeto da consciência, isso que Husserl chama seu nóema ou correlato, vou descobrir um elemento "irreal" pois, com efeito, a árvore, cujos componentes de ser-percebido estão todos na consciência, não está ela própria na consciência. O próprio da estrutura intencional ou *noético-noemática*, é precisamente de fazer-me descobrir na consciência ou no sujeito e somente aí, pois não poderia encontrá-lo alhures, um objeto que o sujeito não pode evidentemente conter. Onde, pois, está o objeto, onde, pois, está a árvore? Essas questões só se colocam porque não abandonamos a atitude natural e porque ainda concebemos uma árvore que existiria em si, seja fora da consciência, seja dentro dela a título de representação, independentemente da atividade perceptiva da consciência.

Na realidade, a árvore percebida não existe senão enquanto percebida, isto é, como pólo sintético dessa atividade perceptiva cuja estrutura isolamos. A árvore não é outra coisa senão a unidade ideal de todos esses "momentos sensíveis" que são o rugoso, o pardo, o verde, todos esses "esboços" que se modificam à medida que me aproximo da árvore ou ando em volta dela, que se encadeiam e convergem na certeza que aí no jardim há uma árvore. Esta certeza ou "crença", como dirá Husserl, não é uma qualidade da árvore, mas um caráter do "*nóema*" da percepção. A realidade, a exterioridade, a existência do objeto percebido e o seu próprio caráter de objeto dependem das estruturas da consciência intencional, estruturas graças às quais a consciência ingênua vê o objeto como o vê - portanto aqui como real, exterior, existente - mas sem saber que é graças a essas estruturas que ela o vê assim.

O fato que o objeto e finalmente o próprio mundo dependam assim dessas estruturas conduzirá Husserl a dizer que eles são *constituídos*. A fenomenologia se tornará conseqüentemente o estudo da constituição do mundo na consciência ou fenomenologia constitutiva. Constituir não quer dizer criar, no sentido em que Deus criou o mundo, mas remontar pela intuição até a origem na *consciência* do sentido de tudo que é, origem absoluta já que nenhuma outra origem que tenha um sentido pode anteceder a origem do sentido: "É preciso aprender a unir conceitos que estamos habituados a opor: a fenomenologia é uma filosofia da *intuição criadora*. A visão intelectual cria realmente seu objeto, não o simulacro, a cópia, a imagem do objeto, mas o próprio objeto. É a evidência, essa forma acabada da intencionalidade, que é constituidora<sup>14</sup>".

Vê-se assim também o alcance da fenomenologia, que não é somente, à maneira kantiana, uma crítica do conhecimento, mas como o declarava. E. Fink num artigo célebre, "uma interrogação sobre a origem do mundo, um projeto visando tornar o mundo compreensível a partir dos últimos fundamentos de seu ser, em todas suas determinações reais e ideais<sup>15</sup>". Assim a fenomenologia abarca tudo que abarcam as metafísicas tradicionais, mas sem jamais abandonar o solo da experiência, já que a referência à intuição é permanente. Assim, pode-se falar a seu respeito de um positivismo superior, sendo o fenomenólogo, segundo Husserl, o "único verdadeiro positivista: "Se por '*positivismo*' se entende o esforço, absolutamente livre de preconceito, para fundar todas as ciências sobre o que é 'positivo', isto é, suscetível de ser captado de maneira originária, somos *nós* que somos os verdadeiros positivistas".

### **Idealismo ou existencialismo?**

Entretanto, nem tudo está resolvido com isso. Se a redução fenomenológica faz aparecer o mundo como fenómeno e se a gênese de seu sentido é perceptível na vivência da consciência, nem tudo está dito sobre o sentido dessa vivência, sobre o sentido das estruturas nas quais se constitui o sentido do mundo.

O campo da análise intencional pode, com efeito, ser considerado sob dois enfoques diferentes. A primeira caracteriza o período idealista de Husserl que se abre com o primeiro tomo das *Ideias diretrizes* (1913) e culmina nas *Meditações cartesianas* (1929). Nesse período, no curso do qual Husserl será levado a qualificar a fenomenologia de *idealismo transcendental*, o acento é colocado sobre o *sujeito* ao qual é preciso ligar a consciência na qual todo sentido se constitui.

A redução fenomenológica fez, com efeito, aparecer como resíduo, que não pode ser reduzido, a vivência de consciência. Mas esta vivência é vivida por um sujeito, ao qual se referem os objetos do mundo e de onde vêm as significações. A análise da consciência, voltando-se para seu lado-sujeito ou noético, se torna então análise da vida do sujeito no qual e para o qual se constitui o sentido do mundo. Esse sujeito, "que se constitui continuamente a si próprio como sendo", pode ser considerado, à maneira leibniziana, como uma "mônada", uma totalidade fechada sobre si mesma e da qual não poderíamos sair. A fenomenologia se torna assim "*exegese de si próprio*" (*Selbstausagebung*), ciência do Eu ou Egoologia.

Mas, se perguntará, de qual eu se trata? Se tal análise não quer se reduzir a uma simples psicologia, mas conservar a dimensão absoluta à qual pretende Husserl, esse eu não pode ser o "eu psíquico" ou "mundano" que é, com efeito, com suas vivências concretas particulares, uma região ou uma parte do mundo. Ele não pode ser senão a *essência geral do Eu*, distinguindo-se do eu psíquico como a essência de um fenómeno se distingue de suas manifestações contingentes. Esse eu, Husserl chamará *Sujeito* ou *Eu transcendental*. Mas, se este Sujeito transcendental é a essência do eu concreto e, portanto, só se distingue dele como aquilo que condiciona a "*ego-idade*" (*Ichheit*) do eu concreto, o fato que, em sua multiplicidade, as vivências que fluem na consciência se referem sempre à mesma fonte, é óbvio que ele não poderia ser acessível senão no eu concreto. "Na reflexão fenomenológica eu me distingo, na medida em que já me compreendi sempre como tal ou qual homem, do Eu enquanto Ego cujos atos de consciência são a fonte e o fundamento da possibilidade de tal compreensão de si; eu me distingo de meu Ego transcendental". Que uma tal distinção possa trazer dificuldades, é o que ressaltarão as análises de Sartre e de Heidegger.

Mas um outro enfoque do problema é possível. Em seus últimos escritos e, como já foi dito, sob a influência de Heidegger, Husserl acentua ao contrário a própria correlação *consciência-mundo*, que será bastante fácil de traduzir por *ser-no-mundo*. Se o verdadeiro resíduo da redução fenomenológica é essa correlação e não o Sujeito transcendental ou "sujeito puro" que aproximava Husserl dos neokantianos, a fenomenologia poderá então se tornar o estímulo das novas filosofias da existência. A primeira evidência, o terreno absoluto para o qual cumprir voltar não será mais o *sujeito*, mas o *próprio mundo* tal como a consciência o vive antes de toda elaboração conceptual. Tal será, notadamente, a interpretação de Merleau-Ponty: "Voltar às coisas mesmas é voltar a esse mundo antes do conhecimento, do qual o conhecimento fala sempre e com relação ao qual toda determinação científica é abstrata, signitiva e dependente, como a geografia com relação à paisagem onde aprendemos pela primeira vez o que é uma floresta, uma campina ou um rio".